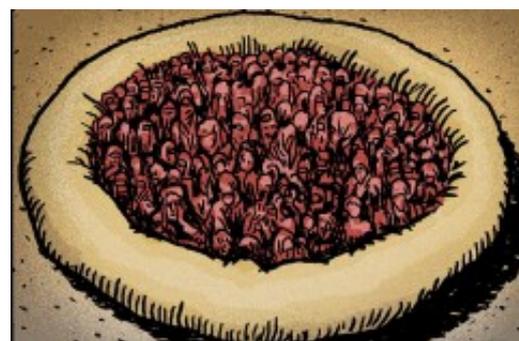


20/02/2018 - 05:00

O desastroso papel americano na Síria

Por **Jeffrey Sachs**

Boa parte da carnificina que devastou a Síria durante os últimos sete anos se deve aos atos dos Estados Unidos e seus aliados no Oriente Médio. Agora, quando se defrontam com o alarmante risco de uma nova escalada dos combates, é chegada a hora de o Conselho de Segurança dos EUA interferir para pôr fim ao derramamento de sangue, com base num novo marco regulatório aprovado pelos membros permanentes do conselho.



Seguem-se os fundamentos: em 2011, no contexto da Primavera Árabe, o governo dos EUA, em conjunção com os governos de Arábia Saudita, Catar, Turquia e Israel, decidiram derrubar o regime do presidente da Síria, Bashar al-Assad, embora promover a queda do governo de outro país constitua uma flagrante violação da legislação internacional. Sabemos que em 2012, se não antes, o presidente Barack Obama autorizara a CIA a operar com os aliados dos EUA na prestação de apoio às forças rebeldes, compostas por sírios insatisfeitos e por combatentes não sírios. Os formuladores americanos de políticas públicas previam que Assad cairia rapidamente, como tinha acontecido com os governos da Tunísia e do Egito nos primeiros meses da Primavera Árabe.

O regime de Assad é comandado pela seita xiita minoritária dos alauítas, num país em que os alauítas correspondem a apenas 10% da população, enquanto os muçulmanos sunitas somam 75%, os cristãos, 10% e os 5% restantes abrangem a população de outras origens, entre os quais os drusos. Entre as potências regionais que estão por trás do regime de Assad estão o Irã e a Rússia, que possui uma base naval no litoral mediterrâneo da Síria.

Enquanto o objetivo dos EUA em derrubar Assad era principalmente solapar as influências iraniana e russa, a motivação da Turquia era expandir sua influência nos antigos territórios do Império Otomano e, mais recentemente, fazer frente às ambições curdas de autonomia territorial, ou até de soberania de Estado, na Síria e no Iraque. A Arábia Saudita queria minar a influência do Irã na Síria, ao mesmo tempo em que expandiria a sua, enquanto Israel, também, pretendia combater o Irã, que o ameaça por meio do Hizbollah no Líbano, da Síria, próximo às Colinas de Golan, e do Hamas em Gaza. Já o Catar queria conduzir um regime islâmico sunita ao poder.

Os grupos armados, apoiados pelos EUA e seus aliados desde 2011, foram reunidos sob a bandeira do Exército Livre da Síria. Na verdade, não havia um exército único, e sim grupos armados concorrentes, com diferentes apoiadores, ideologias e objetivos. Os combatentes variavam desde sírios dissidentes e curdos que almejavam a autonomia até jihadistas sunitas respaldados pela Arábia Saudita e pelo Catar.

Embora tenham sido empenhados amplos recursos à derrubada de Assad, o esforço, em última instância, fracassou, mas não sem antes causar enorme derramamento de sangue e o deslocamento de milhões de sírios. Muitos fugiram para a Europa, fomentando a crise europeia dos refugiados e a escalada do apoio político à extrema-direita anti-imigração europeia.

O discurso oficial dos Estados Unidos tentou esconder a escala e as consequências calamitosas do esforço americano para derrubar Assad. Embora os EUA reclamem da influência russa e iraniana na Síria, os EUA e seus aliados violaram seguidamente a soberania síria

O fracasso em depor Assad deve-se a quatro motivos principais. Primeiro, o regime de Assad contava com o apoio não apenas dos alauítas como também dos cristãos sírios e de outras minorias que temiam um regime islâmico sunita repressivo. Segundo, a coalizão encabeçada pelos EUA era combatida pelo Irã e a Rússia. Terceiro, quando um grupo dissidente jihadista se desmembrou, a fim de formar o Estado Islâmico (EI), os EUA empenharam recursos significativos para derrotá-lo, e não para derrubar Assad. Finalmente, as forças anti-Assad eram profunda e cronicamente divididas; por exemplo, a Turquia está em conflito aberto com os combatentes curdos apoiados pelos EUA.

Todos esses motivos de fracasso permanecem válidos atualmente. A guerra entrou num impasse. Apenas o derramamento de sangue persiste.

O discurso oficial dos EUA tentou esconder a escala e as consequências calamitosas do esforço americano - em desafio à legislação internacional e à Carta da ONU - para derrubar Assad. Embora os EUA reclamem veementemente da influência russa e iraniana na Síria, os EUA e seus aliados violaram reiteradamente a soberania síria. O governo dos EUA escamoteiam o caráter da guerra como guerra civil entre os sírios, em vez de uma guerra entre títeres que envolve EUA, Israel, Rússia, Arábia Saudita, Irã e Catar.

Em julho de 2017, o presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou o fim do apoio da CIA aos rebeldes sírios. Na prática, no entanto, o envolvimento dos EUA permanece, embora seja agora mais voltado, aparentemente, para enfraquecer Assad do que para derrubá-lo. Como parte da guerra que continua a ser travada pelos EUA, o Pentágono anunciou em dezembro que as forças americanas permaneceriam na Síria por tempo indeterminado, ostensivamente para respaldar forças rebeldes anti-Assad em áreas recuperadas ao EI, e, naturalmente, sem o consentimento do governo sírio.

A guerra, na verdade, corre o risco de entrar em uma nova rodada de escalada. Quando o regime de Assad recentemente atacou rebeldes anti-Assad, a coalizão americana desfechou ataques aéreos que mataram cerca de 100 soldados sírios e um número desconhecido de combatentes russos. Depois dessa demonstração de força o secretário de Defesa dos EUA, Jim Mattis, declarou, com falsa candura, que "obviamente não estamos nos envolvendo na guerra civil síria". Além disso, Israel atacou recentemente posições iranianas na Síria.

Os EUA e seus aliados deveriam encarar a realidade e aceitar a permanência do regime de Assad, por mais desprezível que possa ser. O Conselho de Segurança da ONU, apoiado por EUA, Rússia e pelas outras grandes potências, deveria interferir com forças de manutenção da paz para restabelecer a soberania síria e os serviços públicos imprescindíveis, barrando, ao mesmo tempo, tentativas de vingança do regime de Assad contra ex-rebeldes ou seus simpatizantes civis.

O regime de Assad, naturalmente, continuaria no poder, e o Irã e a Rússia manteriam sua influência na Síria. Mas a ilusão oficial dos EUA de que o país pode dar as cartas na Síria por meio da escolha de seus governantes, e de seus aliados, teria fim. Já passou da hora de adotar um enfoque muito mais realista, no qual o Conselho de Segurança leve a Arábia Saudita, a Turquia, o Irã e Israel a adotar uma paz pragmática que ponha fim ao derramamento de sangue e permita que o povo sírio retome sua vida e o seu sustento. **(Tradução de Rachel Warszawski)**

Jeffrey D. Sachs é professor de Desenvolvimento Sustentável, de Política e Gestão de Saúde e diretor do Instituto da Terra da Universidade de Columbia. É também diretor da Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável da ONU. Copyright: Project Syndicate, 2018.

www.project-syndicate.org